
Entreajuda e convivialidade em Portugal Continental A integração da família nuclear em redes de parentesco e amiais

Pedro Vasconcelos¹

As teses clássicas sobre as transformações da instituição familiar nas sociedades contemporâneas postularam o isolamento da família nuclear em relação à parentela. Globalmente, tendo em atenção os processos macro-sociais de individualização e privatização na modernidade, era essa a postura de autores como Durkheim e Parsons, que, ao apontarem a diminuição da força e controlo social dos grupos sociais de origem, enfatizaram a ideia de que as redes de contacto, apoio e sociabilidade, quando não públicas, tenderiam a formar-se no âmbito de afinidades electivas que não as do parentesco – seriam antes profissionais, escolares, intra-geracionais, apoiadas nas semelhanças de estilos de vida, de estatuto ou posição social.

Desde há muito que muitos trabalhos e investigações vieram pôr em causa esse suposto isolamento conjugal e nuclear para contextos sociais modernos diversificados. De facto, não ignorando nem as transformações operadas no relacionamento com a parentela, nem a real individualização das nossas sociedades, verificou-se que muitas famílias continuam a manter contactos regulares com os seus parentes, bem como a deles depender para conjuntos variados de apoio, quotidiano ou não.

Este entrosamento com a parentela, particularmente com os ascendentes directos e atravessado por fortes clivagens de classe social e de género, é portanto algo que está longe de ter desaparecido da vida familiar contemporânea, preenchendo assim um lugar central não só na reprodução social dos grupos familiares, como também na quotidianidade vivida dos membros dessas famílias. Constatou-se, portanto, que a vida familiar, em muito extravasa o núcleo conjugal com filhos e se prolonga, em rede, por uma série de relacionamentos duradouros ao longo do ciclo de vida familiar com outros agregados domésticos aparentados.

A partir de dados extensivos², foi-nos já possível analisar ao pormenor as características das redes de apoio familiar em Portugal³. Constatou-se que, mesmo que a maioria das famílias nucleares não tenha sido objecto de apoio frequente ao longo do ciclo de vida familiar⁴, a

¹ Pedro.Vasconcelos@iscte.pt

²Recolhidos através do inquérito *Famílias no Portugal Contemporâneo*, do ICS-UL/CIES-ISCTE e coordenado pela por Karin Wall. Este inquérito foi aplicado a uma amostra cuja representatividade foi garantida pelo INE para o universo das famílias com pelo menos uma mulher, entre os 25 e os 49 anos de idade, a viver em casal (casada ou coabitante) e com pelo menos um filho co-residente entre os 6 e os 16 anos. A amostra-alvo original era constituída por 2260 agregados domésticos, sendo representativa das famílias com crianças residentes dependentes. A pessoa inquirida, como já o dissemos, foi sempre a mulher. Obteve-se uma resposta de 79% da amostra original (sobrestimada em 25%, para compensar as não-respostas), alcançando-se uma amostra real de 1776 famílias. A amostra probabilística multi-etápica foi extraída pelo INE de uma amostra-mãe de agregados domésticos (a amostra-mãe foi uma amostra probabilística baseada no registo censitário de 1991; estava estratificada por região - cinco regiões no continente, mais os Açores e a Madeira – e tinha 1143 blocos censitários, cada um com cerca de 300 agregados domésticos), construída para o Inquérito Nacional ao Emprego e permitindo um nível de confiança de 95% (erro de amostragem $\pm 2.3\%$, $\alpha=.05$).

³ Cf. Pedro Vasconcelos, “Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe”, *Análise Social*, nº163, 2002, pp.507-544.

⁴Os apoios quotidianos (financeiros, materiais, domésticos, nos cuidados às crianças, noutros serviços e apoio moral) eram perguntados para o momento de casamento, aquando do nascimento do primeiro filhos e actualmente. Existia igualmente um conjunto vasto de questões para os apoios não-quotidianos, i.e.,

maioria teve algum apoio (Quadro 1), só uma minoria de cerca de 10% não tendo recebido. Esta percentagem subia consideravelmente, para cerca de metade das famílias, quando se tratava apenas do momento presente. Mas mesmo assim estamos longe de um quadro que possa ser considerado de desaparecimento da importância do parentesco.

Quadro 1
Rede de Apoio (Continente) N=1776

	Apoio Actual	Apoio ao longo do ciclo de vida familiar
Sem apoio	51,2	10,1
apoio ocasional	31,6	41,0
apoio moderado	12,7	26,7
apoio frequente	4,4	22,1
Total	100,0	100,0

E do parentesco porque a rede de apoio das famílias é, no seu essencial, uma rede familiar de apoio (Quadro 2⁵). De facto, quando analisamos quem são os dadores de apoio às famílias nucleares portuguesas verificamos a parca importância que têm outras pessoas que não familiares. São os ascendentes directos do casal os principais dadores de apoio, logo secundados pelos elementos da fratria. Numa análise mais detalhada, que aqui não tem lugar, poder-se-ia acrescentar serem as redes de apoio redes de parentesco intergeracional directo, matrilateralizadas e feminizadas.

Com dados do mesmo inquérito, mediante uma bateria variada de questões pormenorizadas sobre as actividades de lazer e os convívios fora do núcleo doméstico, foi-nos igualmente possível reconstruir quer as modalidades de abertura ou fechamento das famílias nucleares em relação ao exterior do agregado doméstico (a integração externa), quer a identidade das pessoas com quem se estabelecem contactos de natureza convival⁶ (Quadro 3).

Quadro 2
Dadores de apoio no momento actual, no Continente (n=866)

Familiares (sub-total)	80,6
Pais e sogros	56,2
Irmãos e cunhados	18,9
Descendentes	0,5
Tios	1,5
Avós	0,4
Outros familiares	1,9
Padrinhos, compadres, afilhados	1,2
Amigos, colegas e outros não familiares	14,7
Vizinhos	3,9
Instituições	0,8
Total	100,0

aqueles que podiam consubstanciar uma grande ajuda ou transmissão de património – isto para qualquer momento da vida familiar.

⁵ Trata-se aqui apenas da rede de apoio actual. Se estivéssemos a falar da rede de apoio ao longo de todo o ciclo de vida familiar, o peso dos familiares seria ainda mais pronunciado.

⁶ As variáveis e dados sobre a convivalidade (integração externa) foram igualmente trabalhados por Sofia Aboim.

Quadro 3 - Pessoas que convivem com os membros da família nuclear por forma de integração externa, no Continente (n=1776)

	Todas as famílias	Fechamento ⁷	Abertura fraca	Abertura média	Abertura forte
Familiares (sub-total)	35,5	-	40,5	34,8	33,2
Ascendentes	16,6	-	20,6	16,4	14,5
Irmãos e cunhados	5,7	-	6,2	6,6	4,6
Tios e outros familiares	10,8	-	11,3	9,5	11,5
Ascendentes, irmãos e outros familiares	1,5	-	0,8	1,3	2,0
Filhos (com ou sem outros)	0,8	-	1,5	0,8	0,5
Ex-família	0,1	-	0,1	0,2	0,1
Amigos (sub-total)	61,9	-	56,9	62,5	64,4
Amigos do casal	27,2	-	26,9	25,6	28,7
Amigos dos filhos	31,1	-	26,7	32,9	32,2
Outras pessoas	3,6	-	3,3	4,0	3,5
Amigos e familiares	1,3	-	0,9	1,0	1,7
Vizinhos	1,2	-	1,7	1,6	0,6
Total	100,0	-	100,0	100,0	100,0
Total em linhas	100,0	17,3	39,3	25,0	18,4

Algumas constatações se impõem. A primeira faz-nos notar que a percentagem daqueles que não tem nenhuma abertura convivial ao exterior no momento actual da vida familiar é substancialmente mais reduzida do que aqueles que não têm, também para o momento actual, rede de apoio. A segunda chama-nos atenção para o facto de as redes conviviais serem maioritariamente redes amicais, embora não em valores tão fortes quanto as redes de apoio são de parentesco. A terceira indica-nos a tendência para o aumento da amicalidade das redes de convivialidade quanto maior for a sua abertura, ou seja, aqueles que têm mais actividades de integração externa, têm-nas porque abrem mais as suas redes de relacionamento a amigos, inversamente, aqueles que têm uma menor abertura ao exterior, ainda que tendo alguma, estão mais centrados na família, embora o peso desta não exceda nunca o dos amigos.

O facto de as famílias privilegiarem as sociabilidades com amigos exprime uma abertura para fora do universo do parentesco. A proximidade com os parentes alimenta-se seguramente de relações, mas de relações em que são também evidentes as componentes instrumentais—o apoio prestado sobretudo por pais e irmãos. Contrariamente, as relações de amizade têm uma natureza social mais expressiva. Contudo, ao invés de substitutivas, estas parecem andam a par com as relações de parentesco.

As saídas de matriz cultural ou desportiva constituem assim o ponto de encontro com os amigos, (Quadro 4), ficando reservadas sobretudo ao do parentesco as actividades que implicam a partilha de um mesmo tecto, como comer ou dormir em casa de alguém. A par destas últimas, as actividades religiosas e a ida ao restaurante são também praticadas, em cerca de metade dos casos, em conjunto com outros familiares. Os vizinhos, grupo notoriamente minoritário, apenas surgem um pouco sobrerrepresentados quando se trata das actividades religiosas ou da ida ao café.

⁷ Nas famílias caracterizadas por fechamento não são mencionados quaisquer convívios com pessoas exteriores ao grupo doméstico.

Quadro 4
Participantes nos convívios por tipo de actividade fora de casa, no Continente (n=1776)

	Todas as famílias	Ir ao cinema	Ir a exposições	Ir a espect. desportivos	Act. religiosas	Act. políticas	Fazer desporto	Ir ao café	Ir ao Restaurante	Comer em casa de alguém	Dormir em casa de alguém	Passear
Familiares	35,6	12,2	13,1	19,3	51,8	13,8	5,3	25,2	47,6	82,0	75,1	38,5
Amigos	61,9	85,5	86,0	77,7	41,9	84,3	93,8	70,4	50,8	17,6	23,4	58,9
Amigos e familiares	1,3	1,3	0,9	1,3	2,0	2,0	0,2	1,7	1,6	0,4	1,5	1,6
Vizinhos	1,2	1,0	0,0	1,8	4,3	0,0	0,8	2,7	0,0	0,0	0,0	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Quadro 5
Pessoas que convivem com os diferentes subgrupos existentes na família nuclear, no Continente (n=1776)

	Todas as famílias	Mulher	Mulher e filhos(as)	Cônjuge	Cônjuge e filhos(as)	Casal	Casal e filhos(as)	Filhos
Familiares	35,6	36,0	32,3	30,9	35,3	39,5	41,4	24,0
Amigos	61,9	61,0	64,6	66,5	62,2	58,4	56,1	73,8
Amigos e familiares	1,3	1,5	1,4	1,4	1,5	1,4	1,6	1,1
Vizinhos	1,2	1,5	1,7	1,2	1,0	0,7	0,9	1,1
	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Amigos, familiares, vizinhos fazem assim parte de diferentes momentos e formatos da sociabilidade lúdica dos membros da família nuclear. Por outro lado, se investigarmos as diferenças internas à família no que respeita à composição da rede de sociabilidade (Quadro 5) verificamos essencialmente duas tendências, ainda que ténues: uma respeita às diferenças de género existentes entre o casal, a outra focaliza as diferenças entre os convívios tidos pelo homem e a mulher em separado e os convívios do casal ou da família no seu conjunto.

Relativamente às diferenças de género, notamos uma ligeira sub-representação das saídas com familiares quando se trata das actividades realizadas pelo homem, facto que não ocorre no caso inverso. Proporcionalmente, as mulheres, quando se entretêm em actividades individuais, convivem um pouco mais com os seus parentes do que os cônjuges, denotando uma eventual maior proximidade feminina face ao parentesco, já bem patente em análise anterior das redes de apoio. Relativamente às diferenças entre as sociabilidades separadas (da mulher ou do homem) e conjuntas (do casal ou do grupo casal e filhos) destaca-se uma sobrerrepresentação dos parentes no segundo caso, o que não ocorre no primeiro. Ou seja, a união conjugal e familiar em torno dos lazeres parece promover uma maior apetência pela sociabilidade familiar, ao passo que as actividades tidas em separado pelos cônjuges se fundam um pouco mais na convivialidade amical. A lógica familiar interna conecta-se às relações de parentesco que existem no exterior; a autonomia alimenta mais o convívio baseado nos laços de amizade.

Pode-se, então, levantar a questão: estaremos perante uma realidade fracturada entre aqueles que se dão com a família e aqueles que se dão com amigos? Os dados acima referidos matizam já esse panorama eventual. Mas podemos ir mais longe e verificar que se dá uma concomitância relativa entre as redes de apoio (essencialmente de parentesco) e as redes de convivialidade (essencialmente de amicalidade, mas também familiares).

Quadro 6
Rede de Apoio actual por Tipo de Integração externa (n=1776)

Linha Coluna	Fechamento	Abertura fraca	Abertura média	Abertura forte	Total
Sem apoio	20,8	42,7	22,3	14,2	51,2
	61,4	55,7	45,7	39,6	
Apoio ocasional	15,5	39,3	27,4	17,8	31,6
	28,2	31,7	34,7	30,7	
Apoio moderado	11,6	31,6	26,7	30,2	12,7
	8,4	10,2	13,5	20,9	
Apoio frequente	7,6	21,5	34,2	36,7	4,4
	1,9	2,4	6,1	8,9	
Total	17,3	39,3	25,0	18,4	100,0

Quadro 7
Rede de Apoio ao longo do ciclo de vida familiar por Tipo de Integração externa (n=1776)

Linha Coluna	Fechamento	Abertura fraca	Abertura média	Abertura forte	Total
Sem apoio	27,4	46,9	17,9	7,8	10,1
	15,9	12,0	7,2	4,3	
Apoio ocasional	20,2	43,1	23,0	13,7	41,0
	47,7	45,0	37,8	30,7	
Apoio moderado	16,6	38,3	26,3	18,7	26,7
	25,6	26,1	28,2	27,3	
Apoio frequente	8,4	30,0	30,3	31,3	22,1
	10,7	16,9	26,8	37,7	
Total	17,3	39,3	25,0	18,4	100,0

Estas não funcionam, de facto, em sentido inverso, já que aqueles que mais apoio familiar têm, são também aqueles que maior abertura à convivialidade amical demonstram possuir nas suas práticas. Isto tomando em consideração quer a rede de apoio actual (Quadro 6), quer, e ainda de maneira mais vincada, se considerarmos todos os apoios recebidos ao longo do ciclo de vida familiar (Quadro 7). A abertura aos amigos e aos parentes vai, de facto, a par, embora estejam aqui presentes funcionalidades muito diferentes – uma preponderantemente de apoio e outra convivial, logo, uma mais “instrumental” e outra mais lúdica⁸.

Se se pode tirar a conclusão de que quem mais apoios familiares têm é quem mais redes de relacionamento amical possui, que pode então ser dito sobre o enraizamento destas realidades no espaço das diferenciações de classe na sociedade portuguesa?

Se noutro local já vimos a força das determinações de classe na estruturação das redes de apoio e entajuda familiar, ao afirmarmos que quem mais ajuda familiar tem mais amigos tem, estamos igualmente a dizer que se verificam fortes diferenciações e desigualdades classistas nas convivialidades. Assim é. Simplificando a análise, podemos constatar que quanto mais privilegiada a posição de classe do casal, maior a sua abertura social a contextos conviviais (Quadro 8), tal como mais apoios recebe⁹.

⁸ Patentemente, a oposição entre estas duas qualificações é fortemente discutível.

⁹ *Opus citus*.

Quadro 8
Classe Social do Casal por Tipo de Integração externa (n=1776)

Valores em Linha	Fechamento	Abertura fraca	Abertura média	Abertura forte
Empresários e Dirigentes	12,5	15,0	15,0	57,5
Prof. Intelectuais e Científicas	6,7	27,0	28,1	38,2
Prof. Técnicas e de Enquadramento Intermédio	9,7	29,7	25,7	34,9
Independentes e Pequenos Patrões	16,1	40,9	24,7	18,3
Campesinato	27,5	46,2	18,7	7,6
Empregados Executantes	13,8	37,9	28,3	20,0
Empregados Executantes e Operários Industriais	17,3	39,8	27,7	15,2
Operários Industriais	24,4	41,4	25,7	8,5
Assalariados Agrícolas mais Assal. Agríc. e Op. Industriais	18,8	59,4	17,2	4,6

Creemos que estes resultados, aqui apresentados sumariamente, apontam para importantes linhas de força na vida familiar contemporânea em Portugal, não só no respeitante as redes de relacionamento que constróem os quotidianos, as histórias e as trajectórias familiares, mas também sobre as maneiras complexas como a individualização se vai fazendo nas sociedades contemporâneas – de maneiras que não impõem fracturas abruptas e lineares entre os indivíduos e os seus múltiplos grupos de pertença, sejam estes de prescritivos ou desejados, nem apagam a força das condições sociais de existência e dos constrangimentos que estas exercem. Estas são questões que urge discutir.